

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ - UVA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPPG

EDITAL Nº 41/2023 - PRPPG

XXV ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XVIII ENCONTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

QUE IDENTIDADE, CARA PÁLIDA?

Autor(es): Luiz Fernando dos Santos Oliveira¹; ²Francisco Vicente de Paula Junior

¹ Curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura, Programa de Pós-graduação *lato sensu* - PROED, UVA; E-mail: lfs.oli@gmail.com, ²Francisco Vicente de Paula Junior, Programa de Pós-graduação *lato sensu* - PROED, UVA. E-mail: vicenthy@yahoo.com.br.

Resumo: A problemática cultural na sociedade atual é marcada pelas discussões que envolvem as questões identitárias dentro de um contexto globalizado. Nesse sentido, o estudo vem apontar a questão identitária, através da literatura rebuscando obras e autores que desenvolvem sua narrativa a partir do objeto identidade. O estudo tem objetivo apresentar a concepção da formação identitária do Brasil sob o aspecto literário. Este estudo tem caráter bibliográfico e aponta a tendência, nos artigos e obras analisados, uma perspectiva qualitativa de análise, uma vez que a maioria dos textos prioriza reflexões de objetos artísticos (poemas, contos, romances, letras de canções) com ênfase na compreensão do que representam literariamente ou como se relacionam num contexto mais amplo. De certo modo a literatura desempenhou um papel central na nova concepção identitária ao país. Para isto, como ressaltado no estudo, os povos originários tiveram suas línguas, modos de vida destruídos, além da conversão religiosa compulsória.

Palavras-chave: Identidade, literatura, Brasil.

INTRODUÇÃO E OBJETIVO(S)

A barbárie europeia é travestida de civilismo e canonicamente sistemática. Há de se apiedar e absolvê-los de seus crimes à humanidade, os compensou após séculos de distúrbios identitários. Exímios escritores, poetas, escultores, pintores, compositores, musicistas, cineastas reforçam seus complexos, mas nem tanto assim, sistemas socioculturais em diferentes paisagens.

A problemática cultural na sociedade atual é marcada pelas discussões que envolvem as questões identitárias dentro de um contexto globalizado. Nesse sentido, o estudo vem apontar a questão identitária, através da literatura rebuscando obras e autores que desenvolvem sua narrativa a partir do objeto identidade.

OBJETIVOS

O estudo tem como objetivo apresentar a concepção da formação identitária do Brasil sob o aspecto literário.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo tem caráter bibliográfico e aponta a tendência, nos artigos e obras analisados, uma perspectiva qualitativa de análise, uma vez que a maioria dos textos prioriza reflexões de objetos artísticos (poemas, contos, romances, letras de canções) com ênfase na compreensão do que representam literariamente ou como se relacionam num contexto mais amplo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

Sobre a história identitária há duas razões para que se estenda tal entendimento. A primeira, numa base sólida de construção identitária através de dogmas, sistemas e expressas em suas artes, rigidamente com os seus ideais orientados à classe dominante. Em Niels Lyhne, Jacobsen (2001) denuncia o ímpeto ideológico que permeava no jovem do século XIX.

Acontece Que Frithjof, dono de uma natureza positiva, boa cabeça para assimilar sistemas e costas largas para suportar dogmas, lera muita coisa de Heiberg e tomara essa literatura pelo Evangelho, sem suspeitar que os pensadores sistemáticos são pessoas engenhosas que produzem seus sistemas de acordo com as suas obras e não suas obras de acordo com seus sistemas. Ora, os jovens que caem nas garras de um sistema tornam-se rapidamente grandes dogmáticos, devido à louvável predileção da juventude pelas opiniões estabelecidas, por tudo o que é firme e absoluto. E quando alguém se torna assim possuidor de uma verdade total, da verdade pura e simples, não seria imperdoável conservá-la apenas para si e abandonar em caminhos tortuosos os irmãos menos felizes, menos dotados, em lugar de procurar instruí-los?... Sim, é preciso denunciar os erros com caridosa inflexibilidade, subjuga-los com violência amigável, indicá-lhes a linha pela qual devem se orientar, para que algum dia, mesmo que muito tarde, incorporados enfim às retas fileiras, possam agradecer a quem tanto fez por sua causa (...).

A este torpor de consciência plena, de razoabilidade e mesura em suas inter-relações continentais a uma idealização eurocêntrica, que reforça um grande sentimento de aviltamento suscitado por Ailton Krenak (2019) ao dizer:

Nós estamos em guerra. Eu não sei por que você está me olhando com essa cara tão simpática. Estamos em guerra. O seu mundo e o meu mundo tão em guerra “A falsificação ideológica que sugere que tenhamos paz, é pra continuar a coisa funcionando”.

A fala do pensador é algo que coloca em cheque toda a ideia pré-concebida sobre a formação do Brasil. Mas, principalmente, com enfoque na construção de identidade de uma nação, este trabalho enviesará no aspecto do sistema literário, que não passou incólume ao extermínio e consolidação de apropriação de uma terra ocupada por diversas etnias. As tradições dos povos originários eram já bem delineadas. Todos já tinham um sistema de integração com a natureza como princípio de espiritualidade. Havia, também, diversas estruturas linguísticas, para se ter uma dimensão do que as línguas representavam e representam no território brasileiro, é salutar à leitura da obra *Índio não fala só tupi: Uma viagem pelas línguas dos povos originários no Brasil*.

Estima--se que, no Brasil, sobrevivem mais de 150 línguas indígenas. Esse número parece grande? Não é. Comparado com a paisagem de 500 anos atrás, é um número pequeno. Considera-se que, no decorrer do tempo colonial, foram apagadas pelo menos 80% das línguas de povos nativos. Além disso, todas as línguas que sobreviveram são ameaçadas até hoje. Algumas estão à beira do desaparecimento. (Franchetto, 2020)

A segunda razão se dá no campo linguístico. A estimativa de línguas usurpadas e destruídas pela conversão monolíngue da cristandade portuguesa é incalculável. Isso reflete na ideia da necessidade de uma “nova construção de identidade”. O que é um disparate, quando se depara com os estudos, que revelam às etnias aqui existentes tinham complexos “sistemas”, que



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

extrapolam ao contexto linguístico e, nos mostram um sistema literário constituído. O exemplo abaixo destaca as convergências linguísticas e suas origens na formação de sua identidade como povo.

De acordo com Obert *et al* (2018, p.177):

O povo Dâw pertence à família linguística Naduhup com suas três línguas irmãs nadëb, hup e yuhup faladas no noroeste amazônico nas regiões do médio e alto rio Negro. Antigamente referia-se a essas etnias com o nome “Makú”, um termo pejorativo com origem nas línguas arawak que significa “aquele sem fala”. Esse nome foi associado aos “selvagens” ou “índios do mato” (cf. RAMOS & OBERT 2018) sempre em oposição aos “índios do rio” das etnias tukano e arawak (ATHIAS, 1995). No contexto regional, os povos que pertencem a família Naduhup têm sido considerados como sendo de caçadores-coletores em contraste às etnias vizinhas, definidas como sendo de agricultores (Arawak, Tukano e Carib). A história desses povos e suas línguas é o ponto de partida para entender as dinâmicas de contato e mudanças linguísticas entre grupos menores de populações de caçadores-coletores e para entender a pré-história amazônica (cf. EPPS & BOLANOS 2017). As línguas hup e yuhup estão localizadas dentro da região multilíngue do rio Vaupés. Seus falantes têm participação na rede regional de troca e, devido a isso, houve um contato linguístico que levou à uma convergência em direção a estruturas das línguas tukano-orientais (cf. EPPS 2007; 2008a; 2008b), porém com certas restrições. Houve também empréstimos lexicais parecidos com o que Aikhenvald (1999; 2002) descreve para o povo vizinho tariana (Arawak).

Quanto ao mito de origem a autora Obert *et al* (2018, p.176), destaca:

a anciã conta uma parte do mito de origem e do deslocamento do povo dâw a partir desse lugar de surgimento, passando pelos rios Marié e Curicuriari até chegar à atual comunidade Waruá (margem direita do rio Negro defronte à cidade de São Gabriel da Cachoeira). Encontramos dessa maneira, informações cruciais para entender melhor o passado do povo Dâw, seu movimento populacional e sua relação com os povos nadëb e tukano no passado. Segundo Basso (1988: 100), histórias desse tipo adquirem seu valor e sua significância pelo fato de que certos aspectos da língua são intimamente relacionados à construção cognitiva e cultural da paisagem. Ou seja, falar sobre paisagem reflete uma relação entre realidade geográfica e cognição humana, que está expressa em, por exemplo, termos de paisagem cuja conceptualização não segue princípios universais (BOHNEMEYER et. al, 2004).

Bosi (1992) é outro autor que se debruçou sobre o tema. Em sua obra *Dialética da Colonização*, mostra o processo que o devoto Anchieta, missionário da causa católica, adotou o idioma tupi como estrutura de sua poética jesuítica, o que o autor chama de *aculturação linguística*.

O poeta procura, no interior dos códigos tupis, moldar uma forma poética bastante próxima das medidas trovadorescas em suas variantes populares ibéricas: com o verso redondilho forja quadras e quintilhas nas quais se arma um jogo de rimas ora alternadas, ora opostas.

Jandé, rubuté, Iesu,

Jandé rekobé meengára,

oimoboreausukatú,

Jandé amotareymbára.

Jesus nosso verdadeiro pai,

Senhor da nossa existência, aniquilou

Nosso inimigo. (Bosi, 2013. p.64)

Desta feita, o Brasil, para alguns linguistas, inicia a sua trajetória canônica na literatura. Desprezam todo saber das ancestralidades dos povos originários, muito tardiamente, que se irá refletir no seio acadêmico os estudos dos pequenos vestígios que sobreviveram ao massacre europeu. Mesmo que, por mais chances de adesão, recorram às deformidades das deidades, como o autor chama de *mitologia paralela*, ao aglutinar a teologia cristã à crença tupi, criando uma criatura mórfica *Tupã-Deus judeu-cristão*. (Bosi, 2013. p.65).

Uma das tentativas de se reconstruir a identidade brasileira no romantismo, foi dado ao “índio” à possibilidade de assumir o protagonismo da perspectiva branca-colonial. Em qualquer material que tenta destacar as principais características do período romântico, que se dará em algo de como a busca pela identidade nacional era um tema recorrente. Que os escritores valorizavam a cultura e a história do Brasil, explorando elementos como a natureza exuberante, o folclore e a figura do índio como símbolos de identidade. Um exemplo em que se pode constatar tal procedimento são as obras de José de Alencar. Em primeira leitura e sem o conhecimento historiográfico, o leitor é seduzido pela ideia do amor entre o guerreiro indígena Martim e a índia Iracema, destacando a figura do índio como representação da identidade brasileira, na obra *Iracema*; na obra *O Guarani*, também se explora a história de amor entre o índio Peri e a jovem branca Cecília, onde se evidencia as diferenças culturais indígenas e europeias no Brasil. Bosi alerta que essa figura do “índio” alencariano, é dotada de vassalagem e ao capricho do branco.

O índio de Alencar entra em íntima comunhão com o colonizador. Peri é, literal e voluntariamente, escravo de Ceci, a quem venera com sua Iara, “senhora”, e vassalo fidelíssimo de Dom Antônio. No desfecho do romance, em face da catástrofe iminente, o fidalgo batia o indígena, dando-lhe seu próprio nome, condição que julga necessária para conceder a um selvagem a honra de salvar a filha da morte certa [...] A oscilação de Alencar, entre a sua perspectiva histórica e um romantismo selvagem, pré-social, resolve-se, enfim, pelo segundo polo: o primeiro natural é ainda mais remoto, mais puro, logo mais romântico que a simples evocação dos tempos antigos.(Bosi, 2013. p. 177 e 193)

Esta exaltação pelo nativo será assimilada pela erudição da *ideologia nacional-conservadora* (Bosi, 2013. p. 331). A figura construída a partir do negro, do “índio”, do mestiço, mulato e caboclo, será retratada com certa simpatia, mas ainda os mantendo como figuras primitivas, como nas obras, que o Bosi destaca, de Euclides da Cunha, Couto de Magalhães.

No modernismo, a cultura popular será fundida na cultura erudita. Bosi faz um importante registro das duas tendências do período: *o nacionalismo estético e crítico de Mário de Andrade e o antropofagismo de Oswald de Andrade*. (Bosi, 2013. p. 332). Entende-se que no modernismo brasileiro a busca por uma identidade nacional ganhou contornos mais complexos. Os artistas questionaram as tradições literárias e culturais estabelecidas, buscando uma expressão mais autêntica da identidade brasileira, mesmo que ainda do prisma erudito eurocêntrico. O que em termos de contraste com o indianismo e seus desdobramentos, no modernismo já não suscita o primitivismo das etnias dos habitantes brasileiros, apesar destes ainda não terem suas vozes ressoantes por si mesmos.

Às obras literárias do modernismo devem ser objeto da análise, da interpretação e da história da poesia e da prosa brasileira coetâneas [...] O modernismo trabalhou a relação entre cultura erudita e cultura popular segundo um vetor mitopoético. Cultura popular é entendida pelo autor de Macunaíma e pelo autor do Manifesto Antropofágico, em primeiro lugar, como expressão tupi, articulada em lendas, mitos e ritos recontados pelos cronistas, pelos jesuítas e por alguns antropólogos contemporâneos. (Bosi, 2013.p.333)



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

Este pequeno panorama de construção sobre identidade, nos dá a dimensão em que falamos por nós. Faz-nos também refletir sobre uma reflexão de Ailton Krenak sobre pertencimento. O autor diz: “*Por que insistimos tanto e durante tanto tempo em participar desse clube, que na maioria das vezes só limita a nossa capacidade de invenção, criação, existência e liberdade?*”. Isso em nome de uma coesão humana.

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos. (Krenak. 2020. p.14)

Identidade ou disparidade!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é um pequeno exercício que se deve fazer para entender, ainda que de forma introdutória, a construção de identidades sob a égide da dominação colonial. De certo modo a literatura desempenhou um papel central na nova concepção identitária ao país. Para isto, como ressaltado no estudo, os povos originários tiveram suas línguas, modos de vida destruídos, além da conversão religiosa compulsória.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

REFERÊNCIAS

BALYKOVA, K.; FRANCHETTO, B. Índio não fala só tupi : uma viagem pelas línguas dos povos originários no Brasil. 1. ed. - Rio de Janeiro: Letras, 2020.

BOSI, A. Dialética da colonização. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1992.

JACOBSEN, Jeans Peter. Niels Lyhne. Tradução: Pedro Octávio Carneiro da Cunha. 2ª ed. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

OBERT, K.; MARQUES, M. Línguas indígenas: artes da palavra | Indigenous Languages: verbal arts. Rio de Janeiro | Volume 15 | número 1 | p. 175 - 211 | jan. - abr. 2019

STENZEL, K.; FRANCHETTO, Bruna (orgs.). LinguiStica (Línguas indígenas: artes da palavra), v. 15, n. 1, 2019

STORTO, L. Línguas indígenas: Tradição, universais e diversidade. Campinas, SP: Mercado de Letras. Pp.196. 2019.